



## **Entre o Mercado e Universidade: Reflexões Sobre o Processo de Construção do Conhecimento e a Formação Profissional na TV UESC<sup>1</sup>**

Betânia Maria Vilas Bôas BARRETO<sup>2</sup>

Rita Virginia ARGOLLO<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

### **Resumo**

A TV ocupa um campo comunicacional heterogêneo, repleto de multiplicidades, cuja representatividade do cotidiano mostra a sedimentação da proposta interpretativa do real junto aos espectadores. Esta é uma fonte de informações e entretenimento bastante multifacetada. Assim, uma TV Universitária deve aliar-se ao fazer acadêmico e educativo. A inter-relação entre comunicação e educação a partir do audiovisual remete a meios voltados para perspectivas mercadológicas, e também para abordagens educativas e colaborativas. Experimentação e pluralismo televisuais e apropriação dos meios são vetores incondicionais, também na formação de novos profissionais. Deste modo, refletimos sobre a participação da TV UESC no processo de formação dos bolsistas do projeto, a partir de suas experiências como produtores, no intuito de perceber como pode ser um instrumento educativo de construção do conhecimento.

**Palavras-chave:** TV Universitária; construção do conhecimento; formação profissional; TV UESC.

### **Reflexões sobre TV, Educação e Construção do Conhecimento**

A televisão no contexto contemporâneo está num campo comunicacional heterogêneo e repleto de multiplicidades. A representatividade que é dada pelo veículo no cotidiano demonstra a sedimentação da proposta interpretativa do real junto aos espectadores. Hoje, a TV tornou-se componente comunicativo obrigatório no que diz respeito à conexão com seu entorno. É por ela que milhões de pessoas se informam sobre o que acontece em sua cidade, estado, país, no mundo. A TV também é, essencialmente, fonte de entretenimento. Esta televisão apresenta-se, de maneira geral, bastante multifacetada. Segundo Machado (2000) a cultura televisiva não provém, somente dos artefatos audiovisuais eletrônicos, e sim, de um amálgama de vetores que se convergem como numa metamorfose.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UESC) e doutoranda em Educação (UFPB), professora de Oficina de Vídeo e Oficina de Vídeo Educativo da UESC. email: [bete\\_vilas@uol.com.br](mailto:bete_vilas@uol.com.br).

<sup>3</sup> Jornalista, mestre e doutoranda em Educação (UFBA), professora de Produção, Direção e Edição em TV da UESC. email: [rvargollo@yahoo.com.br](mailto:rvargollo@yahoo.com.br).



Esses campos de acontecimentos audiovisuais são herdados da tradição, mas não apenas da tradição televisual (muitos derivam da literatura, outros do cinema, ou do teatro popular, do jornalismo e assim por diante), tampouco esses “replicantes” são assimilados tais e quais, havendo sempre um processo inevitável de metamorfose que os faz evoluir na direção de novas e distintas possibilidades (MACHADO, 2000, p. 70).

Na continuidade desta convergência surgem, no dizer de Machado (op. cit.), estes “replicantes” que aproximam linguagens, gêneros e formatos audiovisivos das mais diferentes fontes e que obrigam aos interessados em se debruçar sobre suas manifestações, uma nova postura de análise, que passa não somente pela decodificação dos significados empreendidos nas produções, mas no estudo de todo o processo de construção de conhecimento, onde novas esferas concernentes ao meio e aos construtores e reconstrutores do diálogo televisual são pautadas.

Para Bonilla (2005), o trabalho de interfaces da construção do conhecimento se dá pela modificação constante, pois este está sempre se renovando, embasado não somente nos saberes de quem enuncia, mas principalmente, na concepção de quem o interpreta como informação, para só depois se tornar conhecimento de fato. Assim, apresenta-se o caráter provisório deste conhecimento, precisando sempre de argumentações recorrentes para sua validade. Com este resignificar, surgem novas aprendizagens. Concomitantemente, os que são trazidos pelos indivíduos, em suas experiências pretéritas, e as muitas informações que recebem do contexto social externo, podem ser inseridos no seu próprio meio, abrindo novas questões, discussões, negociações e debates.

Logo, no conhecimento estão implicados os seres humanos, os instrumentos materiais, os conceitos, as relações sociais, as informações. Ao ser refletido, pensado e discutido por sujeitos sociais ele passa a ser incorporado na vida desses sujeitos, constituindo o conjunto de saberes que utilizam para viver e se relacionar cotidianamente (BONILLA, 2005, p. 19).

Portanto, os interlocutores do processo comunicativo passam a ser vistos como agentes ativos e interligados nesta construção, numa paridade de valores e não de hierarquização voltada à vertente emissiva. Com estas noções propostas, surge a



necessidade de considerar este percurso construtivo numa perspectiva além da inserção mercadológica dos audiovisuais, partindo para uma abordagem que envolva, sobretudo, as relações educativas advindas deste processo. A interface comunicação/educação insere-se como uma condição inerente ao âmbito das discussões.

Pretto (1996) também considera esta concepção no sentido de transformação do ser humano educando em um programador de produção, que seja capaz de interagir com os mecanismos maquímicos da comunicação, deixando de ser um receptor passivo. O autor concorda que no processo de construção do conhecimento audiovisual, o domínio dos sujeitos em relação aos artefatos específicos possibilita uma tomada de postura mais atuante, questionadora e transformadora dos materiais televisuais.

Carvalho (2006) amplia a investigação enfatizando que é preciso se questionar sobre como a produção televisiva, numa proposta educativa, articula e atualiza a tensão entre as diferentes lógicas que interferem nas condições de produção. Para a autora, na “configuração dos programas educativos, a essas intenções de um fazer-saber e de um fazer-ser, estão subjacentes outras lógicas, como as tecnológicas e as econômicas. Evidentemente, todas elas se submetem à lógica discursiva que as estrutura e manifesta” (p. 205).

Entra em cena, a partir daí, as possibilidades e caracterizações de produções audiovisuais voltadas para além do âmbito comercial, referendando-se em outras lógicas mantenedoras, além das mencionadas anteriormente. Vários estudiosos da interface comunicação e educação argumentam sobre as lógicas de criação das subjetividades e produção de sentidos dentro da sociedade atualmente. Quanto a esta concepção Fisher (2002) argumenta que:

Considerando que em nossos tempos, como escreveu Foucault, a grande e necessária luta a ser empreendida será aquela que se faz contra tudo aquilo que mais submete nossa subjetividade, entendo que no campo educacional um dos investimentos maiores será justamente indagar sobre, afinal, como cada um de nós participa dos processos de produção de sentidos na nossa sociedade, como cada um de nós está submetido a normas e regras veiculadas não apenas nos lugares tradicionais de "doação de identidade" (Costa, 1998), mas sobretudo nos meios de comunicação (p. 8).

Neste sentido, novas formas de construção de identidades, sentidos e saberes são propostas abrindo outras intervenções e experiências audiovisuais. Por isso, partimos da problemática de como a TV pode ser um instrumento educativo de



construção de conhecimento. Refletimos sobre tais indagações a partir da participação da TV UESC na formação profissional dos alunos do Curso de Comunicação Social (Rádio e TV), da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus (BA), como bolsistas produtores de conteúdo.

O objetivo deste artigo é traçar um panorama da influência da TV UESC na formação destes bolsistas, fazendo um recorte investigativo a partir das experiências deles no projeto buscando compreender se realmente estão sendo capacitados como profissionais e sujeitos do conhecimento, inseridos nesta experiência, discutindo como eles se percebem neste aprendizado e como um projeto de extensão desta natureza ajuda na formação dos alunos. Para responder a estes questionamentos, foram ouvidos aqueles que atuaram na condição de profissional em formação acadêmica no período referente à criação do projeto até 2008.

### **TV Universitária: Formação Profissional e Construção do Conhecimento**

A criação de alternativas audiovisivas não-hegemônicas passa a ser ambiente de vivências e experiências que permitem fazer outras leituras das manifestações de sentido dentro de espaços além da grande mídia. Sob este aspecto, e tendo a relação comunicação/educação presente, aparecem as propostas das Televisões Universitárias, nos seus mais diferentes enfoques, abrindo um desvio a estes locais tradicionalmente incorporados como construtores de sentido no meio comunicacional. Estas televisões, inseridas em centros de formação profissional de nível superior, já trazem em seu cerne a ligação com a educação em suas mais variadas nuances.

Para Bentes (1998), a universidade precisa inserir-se nas discussões comunicacionais, pois “a informação não é um problema da mídia ou dos jornalistas. A informação é um problema de formadores, educadores e pensadores” (p. 5). Sendo assim, a autora compreende que:

É essa circulação indiferenciada de informações, esse nomadismo dos saberes que proporciona hoje uma redefinição radical dos campos de conhecimento e que coloca juntos, na pesquisa e no ensino, na produção de conhecimento, filósofos, artistas e cientistas, urbanistas, educadores, comunicólogos. Resta ao ensino, à universidade, mais do que nunca, assumir sua função de formadora - não de mão-de-obra especializada para o mercado, isso qualquer curso técnico pode fazer em



poucos meses – mas formar analistas simbólicos, pessoas, cidadãos (BENTES, 1998, p. 4).

Nesta perspectiva, a inter-relação entre comunicação e educação, no âmbito audiovisual, remete a pensar em meios de comunicação voltados não somente para o horizonte mercadológico, mas para abordagens educativas e colaborativas. Assim, experimentação e pluralismo televisuais, construção do conhecimento e cidadania são vetores incondicionais para a concretização de qualquer veículo que se proponha educativo, principalmente inserido num ambiente de ensino superior. Este é o pensamento de Bonilla e Picanço (2005) quando trabalham com a noção de “novas educações”.

Pensar em “novas educações” é distinguir tal fenômeno cultural da sólida “escola única”, que vem servindo à consolidação do poder hegemônico. Essa distinção abre brecha para o exercício de uma nova ordem, na qual pode ser instituída pelos poderes não-hegemônicos, com base nas múltiplas culturas imersas na horizontalidade, proporcionadas pela rede que entrelaça informações, saberes e pessoas. Isso significa ampliar a participação na produção e circulação de conhecimento, considerando seu caráter plural enriquecido da convivência com o global e seu caráter contextualizado, fundado na cultura local (2005, p.219).

Desta forma, a TV UESC visa também ser um canal catalisador de inovações conteudísticas e estéticas no âmbito do audiovisual, incentivando professores e estudantes a trabalharem com ideias concernentes à identificação de seu público, promovendo o diálogo entre as perspectivas do mercado e os contextos culturais da universidade. Pensar na participação de estudantes neste processo, como produtores de conteúdo, requer entendê-los não apenas como aprendizes, mas principalmente como construtores de conhecimento. Novamente aqui é pelo pensamento de Bonilla (2005) que se elucida esta questão:

[...] ao ser organizado e transmitido a outros sujeitos, torna-se novamente informação que será novamente organizada e significada para produzir novos conhecimentos. Esse é o processo que acontece em grupo, seja ele formado por uma turma de alunos ou por pessoas que se reúnem em torno de um interesse comum (p. 19).



Como ilustrado, é no caminho da ressignificação que se apresenta para os bolsistas de uma TV universitária, a possibilidade de trabalhar novas vivências e experiências portadoras de significados para sua formação acadêmica e profissional. Aprofundando a questão, Paiva e Santos (2008) referendadas por Negri (1993), apontam para o cuidado de não identificar as atividades desenvolvidas, no âmbito da produção televisiva universitária, apenas como uma extensão das atividades “extra” sala de aula.

Preferimos, como nos ensina Negri (1993: 164), abordar as produções dos alunos dessas tevês como produções que extrapolam o âmbito acadêmico e ganham a dimensão da vida, pois, segundo esse autor: “a operatividade coletiva, ético-política, emotiva e criativa, que age no mundo da comunicação, é um elemento irreduzível, uma resistência que abre para outros caminhos (pois) está essencialmente na base de constituições de novos indivíduos e de novas interrelações que não param de ocorrer” (PAIVA E SANTOS, 2008, p. 6).

Estas interrelações se dão entre os professores participantes da coordenação do projeto e os alunos bolsistas, entre os alunos e comunidade, como também entre os próprios estudantes entre si. Neste sentido, sobre a relação professor-aluno, considerando-a de forma muito singular, Saiani (2004), destaca que o significado que pode ser dado ao termo mestre, nesse contexto, é similar ao *coach* usado por Donald Schön (1988). “Trata-se de palavra emprestada do mundo esportivo: o *coach* é o treinador de um time, ou de um atleta. Se ensino não se dá comunicando informações ou advogando teorias, mas demonstrando, aconselhando, questionando, criticando (Shön, 1988, p. 38)”.

No caso específico da interconexão de conhecimentos passados pelos participantes deste modo de atividade audiovisual, a concepção de transmissão de valores e bens culturais aponta para uma participação ativa da escola (leia-se aqui academia) na influenciação da formação profissional deste contingente acadêmico. Pois, “sendo ela uma agência de transmissão dos valores culturais, e sendo eles gerados por paixões intelectuais, é tarefa da escola muito mais despertar e fomentar tais paixões do que transmitir informações e conhecimentos” (SAIANI, 2004, p.84).

E, além de despertar tais paixões em todo este processo, a concepção de aprendizado, neste sentido, remete-se, também, para a observância dos conhecimentos que são advindos não somente da interferência das instâncias acadêmicas na experiência formativa dos estudantes, mas também do conhecimento explícito, formalmente



articulado ou codificado, mais facilmente transferido ou compartilhado, que é abstrato e distanciado da experiência discreta. Conhecimento tácito, que vem da prática, desenvolvido através da experiência direta e da ação, pragmático, situacional, entendido e aplicado subconscientemente, difícil de articular, usualmente compartilhado através de conversas e experiências. É na convivência que se consegue aprender e transmitir o conhecimento tácito (SAIANI, 2004, op. cit).

Numa outra vertente significativa deste processo, aparece a possibilidade, para os acadêmicos em formação numa estrutura de televisão universitária, pensar criativamente sobre suas produções e se fazer ali um lugar de experimentação. Para Pena (2002), este espaço audiovisual é o local ideal para a permissividade de outras idéias sobre TV. Criadas a partir do inciso I do artigo 23 da lei no 8.977, de 6 de janeiro de 1995, que dispõe sobre o serviço de TV a cabo, as tevês universitárias compõem o lócus ideal para a experimentação. “O lugar ideal para uma rediscussão ética e estética do veículo, que, em última análise, possibilite uma participação democrática da sociedade e promova a cidadania” (p.43).

Assim como proposta de incentivo a produção criativa, desenvolvimento da autonomia, entendimento em torno das discussões a respeito da interface televisão-educação no âmbito da TVU, cabe destacar a possibilidade do trabalho ser levado como conhecimento para a elaboração de arsenais criativos de participação na vida profissional propriamente dita, de cada estudante em formação. Fazer parte a indústria criativa, entendida aqui na concepção dada pelo governo britânico, através do Departamento de Cultura Mídia em Esportes (DCMS) com o projeto intitulado *Creative Industries Taskforce* (UCPT, 2005). Para França (2008, p. 44) “as indústrias criativas são atividades que têm sua origem na criatividade, habilidade e talento individual, com potencial para geração de emprego e renda através da exploração da propriedade intelectual”.

As atividades apontadas pelo DCMS como fazendo parte das indústrias criativas são: publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, *design*, moda, filmes, vídeos e outras produções audiovisuais, *design* gráfico, *software* educacional e de lazer, música, artes performáticas e entretenimento, difusão através da televisão, rádio e internet, escrita e publicação. Mesmo com algumas críticas em relação a esta concepção, a perspectiva do potencial criativo para a geração de emprego dá a um projeto como o da TV UESC uma função mais do que formativa aos seus bolsistas,



também uma função de inserção nas novas conjunturas profissionais ligadas aos interesses do mundo do trabalho na contemporaneidade.

Assim, na construção criativa de novas linguagens audiovisuais dentro de um projeto como o da TV universitária, os futuros profissionais da área televisiva encontram um caminho para a realização de um trabalho, no mercado, que contemple esta proposta. A seguir passa-se a analisar as experiências dos bolsistas do projeto TV UESC.

### **Criatividade e Formação em TV Universitária**

A TV UESC é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, região Sul da Bahia. Funcionando de forma experimental desde 2004, a perspectiva naquele momento era que se começasse a trabalhar e tornar a implantação de uma TV universitária – o que começa a se consolidar a partir do convênio firmado com a Fundação Roberto Marinho (Canal Futura) para exibição de reportagens da TV UESC em rede nacional e participação em produções do Futura (programa Teca na TV, interprogramas diversos, oficina de formação para alunos do Curso de Comunicação - **Geração Futura** - etc).

Para avaliar como as propostas de incentivo a produção criativa, desenvolvimento da autonomia, entendimento em torno das discussões a respeito da interface televisão-educação tem ocorrido neste projeto, buscamos ouvir todos os bolsistas e ex-bolsistas da TV UESC – um total de 27 alunos/ex-alunos, entre 21 e 28 anos, dos quais 18 são do sexo feminino e nove do sexo masculino, que passaram a integrar a equipe quando estavam entre o 3º e o 7º semestres e proceder uma análise qualitativa dos dados obtidos tendo o questionário como instrumental técnico-metodológico, perpassando pelo perfil dos entrevistados, suas rotinas produtivas e aquisições de conhecimento e experiências a partir da vivência dentro do projeto.

Procuramos saber o que levou estes estudantes a participar do processo seletivo para bolsista de extensão neste programa: 78% disseram que se tratava de uma oportunidade de experimentar o dia-a-dia em uma TV e colocar em prática o que estavam aprendendo no Curso, 18% responderam que foi a oportunidade da experimentação de novos formatos, estéticas e inovações em vídeo e 4% falaram que foi paixão e encantamento pelo projeto. Percebemos o quanto é importante para o estudante





e para a formação dele o contato com as rotinas produtivas e a possibilidade de aplicação daquilo que é estudado.

No quadro abaixo, elencamos as funções ocupadas pelos bolsistas que participaram/participam da TV UESC no período 2004-2008 e que compõem esta amostra. Destacamos que em razão de contarmos com uma equipe reduzida, do funcionamento em caráter experimental e ainda pela necessidade de exercício profissional, a maioria dos integrantes assumia/assume mais de uma função. Acreditamos que isso viabiliza um melhor aproveitamento por parte do aluno para desenvolver as suas potencialidades.

**QD. 01 – FUNÇÃO ASSUMIDA PELOS BOLSISTAS (2004-2008)**

| <b>FUNÇÃO</b>  | <b>N</b>  |
|--|-----------|
| DESIGN GRÁFICO   | 01        |
| EDIÇÃO DE TEXTO  | 02        |
| REPORTAGEM   | 05        |
| PRODUÇÃO   | 06        |
| REPÓRTER CINEMATOGRAFICO   | 01        |
| APRESENTAÇÃO E PRODUÇÃO  | 03        |
| PRODUÇÃO E EDITOR DE TEXTO                                       | 01        |
| PRODUÇÃO E ILUMINAÇÃO  | 01        |
| DESIGN GRÁFICO E REPÓRTER CINEMATOGRAFICO                        | 01        |
| REPÓRTER E PRODUÇÃO  | 03        |
| EDIÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO DE IMAGEM, DIREÇÃO DE IMAGENS E PRODUÇÃO | 01        |
| APRESENTAÇÃO E DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA                             | 01        |
| PRODUÇÃO, REPORTAGEM E EDIÇÃO DE TEXTO                           | 01        |
| <b>TOTAL</b>   | <b>27</b> |

Fonte: Dados da pesquisa

A rotina de trabalho desta amostra, de acordo com ela própria, é composta de atividades que vão da definição de temas para reportagens e programas, elaboração e produção de pautas – destacando a busca por personagens, a pesquisa e a produção externa -, orientações aos repórteres, reuniões de equipe e elaboração de relatórios diários. Claro, fora especificidades pertinentes a cada função. Além disso, faz parte pensar o projeto de uma forma integral, com todos participando e sugerindo elementos e composições para elaboração de novas estéticas e criação de roteiros. De uma forma geral, este tipo de bolsista destaca que enfrenta “Muito, muito trabalho!”, e se considera um “profissional multi-tarefas”.



Uma vez que toda produção televisiva é o resultado de ações e esforços coletivos, onde uma seqüência de procedimentos encadeados são responsáveis pelo sucesso ou fracasso do produto final, a proposta é o aprendizado do trabalho em grupo – o que envolve elementos como respeito, responsabilidade e autonomia. Dos bolsistas entrevistados, apenas 18,5% tiveram experiência profissional anterior de trabalho em equipe para produção de audiovisuais – especificamente em produtoras e TVs comerciais da região. Os outros 81,5% nunca havia passado por experiência semelhante (cf. TV 01).

**TB. 01 – EXPERIÊNCIA ANTERIOR DE TRABALHO PROFISSIONAL EM EQUIPE**

|       | N  | %    |
|-------|----|------|
| NÃO   | 22 | 81,5 |
| SIM   | 05 | 18,5 |
| TOTAL | 27 | 100  |

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda nesta perspectiva, quisemos saber que visão os bolsistas tinham/têm do exercício de criação em grupo relativa à TV UESC (cf. tb. 02). Do total de bolsistas ouvidos, apenas dois (o equivalente a 7,5%) ressaltaram aspectos negativos relacionados à participação nas atividades da equipe do Projeto. Essas respostas são pontuadas por opiniões como “falta mais profissionalismo” e “ausência de rotina produtiva, propósito definido”.

É importante acrescentar que este último depoimento parte de um participante da equipe inicial, quando a TV UESC começava a se estruturar. E foi esta equipe que deu o perfil que o trabalho teria – criando o programa *Universus*, sugerindo quadros, temas, muitos em vigência ainda hoje. Entre os pontos positivos, destacamos: “noção para o mercado de trabalho”, “experiência muito importante para aprender a trabalhar em equipe”.

**TB. 02 – QUALIDADE DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DA TV UESC NA OPINIÃO DOS BOLSISTAS**

|          | N  | %    |
|----------|----|------|
| POSITIVO | 25 | 92,5 |
| NEGATIVO | 02 | 7,5  |
| TOTAL    | 27 | 100  |



Fonte: Dados da pesquisa

Quando pedidos que opinassem sobre a produção audiovisual da TV UESC, 11,1% disseram considerar regular, por poder ser feita melhor e por reproduzir o modelo padrão de reportagens. Um (3,7%) não comentou, justificando ter ficado pouco tempo no Projeto (cf. tb. 03). Para os 85,2% que pontuaram como ótima, a razão está no “bom conteúdo”, “na possibilidade de permitir experimentações”, no fato de ser “visível o crescimento na qualidade de 2005 para 2008”, por ser “uma produção inovadora”, por apresentar “material rico e criativo”, com “conteúdo diversificado, moderno e jovial”. Apontamos o quanto são interessantes estes dados, pois confirmam exatamente o ideal imaginado para o trabalho a ser realizado.

**TB. 03 - ANÁLISE DO TRABALHO EM EQUIPE NA TV UESC**

|            | N  | %    |
|------------|----|------|
| ÓTIMA      | 23 | 85,2 |
| REGULAR    | 03 | 11,1 |
| NÃO OPINOU | 01 | 3,7  |
| TOTAL      | 27 | 100  |

Fonte: Dados da pesquisa

As complicações referentes ao processo de implantação de um projeto desta natureza – principalmente em uma instituição pública –, são claramente sentidas pelos alunos que participam deste laboratório. Questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas para realizar as atividades, apenas um (3,8%) se referiu à falta de experiência na área. Um aspecto que apesar de limitador, é perfeitamente aceitável, pois é função do Projeto proporcionar esta experiência. Os outros 26 bolsistas (96,2%) destacaram a falta de estrutura para trabalhar melhor: “não tem carro disponível” (só agora, depois de quatro anos de atuação, se conseguiu que fosse disponibilizado um carro exclusivo para a realização das externas da TV UESC, mas não há motorista disponível), “equipamentos quebrados, ultrapassados” (resultado da falta de manutenção constante, da demora para a aquisição de peças e novos equipamentos – mesmo quando a compra é autorizada pela administração da Universidade), “a exibição interna que não tem” (a exibição muitas vezes e durante muito tempo foi feita de forma experimental e improvisada, resultado da lentidão da efetivação do cabeamento interno para o



funcionamento em circuito fechado). Tudo isso resultante da “burocracia da Universidade”, que tornam os procedimentos lentos.

Apesar dos problemas enfrentados, a avaliação dos bolsistas salienta a influência do projeto no processo criativo de cada um – uma opinião compartilhada por todos os que passaram ou que estão na TV UESC. A justificativa também foi semelhante em todas as respostas: “oportunidade para novas experiências”, “preparação para o mercado de trabalho”, “possibilidade de aprender com os erros”, “oportunidade de vivenciar na prática o funcionamento de uma TV”, “chance de desenvolver um olhar mais apurado”, “possibilidade de saber aproveitar o trabalho em equipe”. As respostas para este questionamento coincidem ao que se refere à contribuição do projeto para a formação profissional de cada um.

Vale ressaltar que, neste momento, não propomos um acompanhamento dos egressos, para delinear a médio e longo prazo a inserção dos mesmos no mercado de trabalho. Mas foi possível perceber nos relatos um dado relevante quando buscávamos saber a razão da saída da TV UESC. Notamos significativo número de estudantes/ex-estudantes que conseguiram estágios em TVs comerciais da região ou em assessorias de comunicação.

Por fim, entendendo o valor do conhecimento tácito discutido por Saiani (2004), quisemos saber como cada um entende que colaborou com a implementação da TV UESC. As respostas apontam para elementos como: “contribuição com boas idéias”, “sempre buscando dar o melhor de si”, “muito esforço”, “ajuda com questionamentos”, “opiniões e sugestões”, “ajuda na construção da identidade da TV”, “com muito empenho, dedicação e paixão pelo projeto”, “buscando melhorias para o trabalho”. São dados que, isolados, aparentemente parecem simples, mas que refletem a fundo a essência da perspectiva esperada e incentivada. Um grupo que precisa entender e aprender que o funcionamento deve fluir no sentido todos-todos, onde cada um dá o melhor de si e busca a cada dia superar os próprios limites em prol de uma construção coletiva. Uma vez que nenhum trabalho de audiovisual televisivo é resultado de uma única mente criativa e geniosa. Ao contrário, é do esforço de uma equipe que se conquista as melhores produções.

### **Considerações finais**

Pelo exposto, podemos refletir que no tocante a opinião dos bolsistas participantes do Projeto de Extensão TV UESC, esta experiência tende a atingir os



objetivos almejados e discutidos pelos estudiosos e pensadores do campo da interface comunicação/educação. Esta perspectiva precisa ser aprofundada em novas pesquisas e estudos, mas o atual recorte apontado neste artigo demonstra um indicio do caminho perpetrado no sentido de ampliação de outras contribuições na área audiovisual e sua relação educativa.

Entendemos, assim, que o espaço-laboratório de um projeto desta natureza deve proporcionar o aproveitamento de múltiplas aprendizagens, das mais variadas naturezas. Compreendemos ainda que isso só se torna possível à medida que o professor – na função de mediador – tem consciente em si o próprio papel e a noção de respeito mútuo imbricada nas suas ações. É a partir deste sujeito, acreditamos, que se dissemina uma prática educativa e profissional mais eficiente, digna e humanitária.

Isso se refletirá posteriormente, quando estes novos sujeitos estiverem inseridos no mercado de trabalho. Mas também, desde a permanência na academia, no resultado do processo de criação constante de novos produtos – mais experimentais, mais criativos, mais reflexivos, mais ousados, proporcionando novos formatos, reestruturando linguagens, exercitando o que é pertinente ao espaço acadêmico e desenvolvendo autonomia criativa e de gestão. Investimos no sentido de corroborar com aqueles que pensam numa TV universitária como aliada do fazer acadêmico e educativo, porém sem se distanciar da realidade do mercado no seu entorno.

### **Referências bibliográficas**

BENTES, Ivana. **A universidade concorre com a mídia**. In: Revista Lumina da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom/UFJF) - v.1, n.1, p.77-84, jul./dez. 1998.

BONILLA, Maria Helena Silveira & PICANÇO, Alessandra de Assis. Construindo novas educações. In: PRETTO, Nelson de Luca. **Tecnologias e Novas Educações**. Salvador, Editora EDUFBA, 2005.

CARVALHO, Cristiane Mafacioli. A tevê e o discurso pedagógico. In: DUARTE, Elisabeth Bastos & CASTRO, Maria Lília Dias de (orgs.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Retirado do site:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022002000100011&lng=es&nr=iso/&tlng=pt#back6](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022002000100011&lng=es&nr=iso/&tlng=pt#back6). Acessado em 13/04/2007, às 19h35.

FRANÇA, Cesar de Oliveira. Indústrias criativas e classe criativa : um estudo de caso dos ocupados em atividades criativas na Região Metropolitana de Salvador em 2005. Faculdade de



Comunicação, UFBA, dissertação de mestrado, 2008. Disponível em:  
<http://www.poscultura.ufba.br/dissertacoes/Dissertação%20-%20Cesar%20Franca.pdf>, acessado em 13/09/08, às 10h42.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

PAIVA, Vanessa Maia Barbosa de, e SANTOS, Celina Rosa dos. **Estéticas de vídeo e existência na ambiência da tevê universitária**. Artigo apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, Evento Componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal – RN, anais, CD-ROM, 2008.

PENA, Felipe. As salsichas da TV universitária: Uma discussão sobre estética, pluralidade e cidadania. In: **Televisão e Sociedade – do Big Brother à TV universitária**. Rio de Janeiro: 7 Letras Ed., 2002.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro – Educação e Mídia**. Campinas-SP: Editora Papirus, 1996.

SAIANI, Cláudio. **O valor do conhecimento tácito: a epistemologia de Michael Polanyi na escola**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.